



| | | | |
|---------------------|---------------|-------------------|--|
| DIÁRIO DE NOTÍCIAS | | COMÉRCIO DO PORTO | |
| PORTUGAL HOJE | | DIÁRIO POPULAR | |
| CORREIO DA MANHÃ | | DIÁRIO DE LISBOA | |
| DIA | | CAPITAL | |
| DIÁRIO | | TARDE | |
| A TRIBUNA | | | |
| PRIMEIRO DE JANEIRO | 14. JAN. 1980 | | |
| JORNAL DE NOTÍCIAS | | | |

EFFECTIVAMENTE este assunto está a levantar forte polémica. Muitas são as visões que se têm do problema e como prova disso aí estão as várias posições assumidas publicamente, conforme a Imprensa tem noticiado.

Neste momento, já se sabe que o decreto que determinou as fusões, juntamente com todos os outros pós-eleições, do governo da Eng.^a Pintassilgo, baixará ao Parlamento para ratificação.

Não acreditamos que possa surgir uma decisão no sentido de se retroceder, tantas são as implicações. Mas acreditamos, sim, que surjam decisões que encaminhem o problema para uma análise mais cuidada das situações criadas pois o que nos parece ser importante não são as fusões em si próprias, mas a forma como se vão processar na prática.

Pretende-se obter maior eficiência e aproveitamento económico deste importante sector nacionalizado e isso só será conseguido se o processamento das fusões atender aos reais interesses do público utente, normalmente esquecido nestas decisões. Pretende-se, portanto, que as novas empresas, por mais bem dimensionadas, surjam no mais curto espaço de tempo com absoluta capacidade de resposta às necessidades de quantos procuram os seus serviços.

Pelo que conhecemos dos planos de fusão elaborados pelos actuais gestores, e superiormente autorizados pelo anterior governo, admitimos que a confusão vá reinar durante largo tempo, com os consequentes prejuízos daí resultantes. Por isso mesmo defendemos que surjam urgentes correcções.

Já aqui o referimos e voltamos a repetir: tudo foi feito apressadamente, com atropelos de toda a ordem e muitas incongruências.

Pretendeu-se servir interesses «suspeitos» e não se atendeu à verdade das situações. Há casos de flagrante «infelicidade», ou algo pior. Defenderam-se descaradamente situações de «compadrio», descurando propositadamente a visão correcta daquilo que devem ser novas empresas resultantes de fusões.

Num dos grupos fusionados, chegou-se até ao ponto de manter, como nova denominação, o nome de uma das companhias

Ainda a fusão das companhias de seguros nacionalizadas

Por OLÍMPIO MAGALHÃES

fusionadas sem que esse nome revelasse aquela força animática tão necessária como nova marca e imagem a transmitir ao público e tudo isto mesmo depois de a encarada maioria dos trabalhadores desse grupo (que é o maior em número de trabalhadores) se ter pronunciado desfavoravelmente quanto ao nome escolhido.

Os actuais gestores, nalguns casos, adoptaram um estilo de gestão absolutamente ultrapassado, tornando as empresas «emperradas» e com perda de dinâmica diária, tudo se complicando, pois perderam-se mais na defesa dos seus conceitos de gestão e visão pessoal dos problemas, cultivando intrigas e perseguindo aqueles que têm a coragem de frontalmente os criticar, em prejuízo do desenvolvimento das empresas que lhes foram confiadas.

Tudo isto por absoluta incapacidade e falta da competência desejável.

Entendemos, portanto, que se impõe que no mais curto espaço de tempo estes senhores sejam substituídos, que se proceda às correcções desejáveis nos planos que elaboraram e foram aprovados, que se analise o parecer dos trabalhadores do sector sobre esses mesmos planos (conforme a lei determina) e que se avance rapidamente na reconquista da posição do mercado que ultimamente se tem perdido a favor do sector privado.

Finalmente — e isto consideramos como o mais importante — que os novos gestores a nomear sejam na realidade os mais competentes e idóneos, acabando-se de vez com o clima de «favor» político e «apadrinhamento», pois sabemos haver neste sector profissionais com extraordinária competência e validade para porem as novas empresas a funcionar em pleno, como se deseja.